

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

GETULIO XAVIER DE ALMEIDA FILHO

**ISTO NÃO É UM CACHIMBO: A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO NA
HUMANIZAÇÃO DA PERSONAGEM**

CURITIBA

2022

GETULIO XAVIER DE ALMEIDA FILHO

**ISTO NÃO É UM CACHIMBO: A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO NA
HUMANIZAÇÃO DA PERSONAGEM**

Monografia de Especialização apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima.

CURITIBA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

ISTO NÃO É UM CACHIMBO: A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO NA
HUMANIZAÇÃO DA PERSONAGEM

POR

GETULIO XAVIER DE ALMEIDA FILHO

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 3 de março de 2022.

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima
Orientador

Prof. Dr. Evandro de Melo Catelão
Membro titular

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

RESUMO

ALMEIDA FILHO, Getúlio Xavier de. **Isto não é um cachimbo: a função social do jornalismo na humanização do personagem**. 22 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 2022.

Este trabalho apresenta análise sobre o blog *Isto não é um cachimbo - Perfis Literários*, do jornalista e pesquisador em literatura contemporânea brasileira Luiz Nadal. O blog é analisado do ponto de vista do jornalismo literário, descrito por Ijuim (2012) e de como os artifícios típicos deste fazer jornalístico contribuem para a humanização de um personagem e, conseqüentemente, para o cumprimento da função social inerente à profissão.

Palavras Chave: Jornalismo literário, new journalism, personagem, função social.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the blog *Isto não é um cachimbo - Perfis Literários*, by the journalist and researcher in Brazilian contemporary literature Luiz Nadal. The blog is analyzed from the point of view of literary journalism, described by Ijuim (2012) and how the typical artifices of this journalistic work contribute to the humanization of a character and, consequently, to the fulfillment of the social function inherent to the profession.

Keywords: Literary journalism, new journalism, character, social function.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3 METODOLOGIA	13
4 ANÁLISE QUANTITATIVA	14
5 ANÁLISE QUALITATIVA	16
6 CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

Com o fim do jornalismo político-panfletário praticado na Europa no século XIX, a prática deixa de servir às instituições ou ideologias e passa a ser entendida como uma profissão que age em favor da sociedade (FRANÇA, 1998). Ao profissional jornalista, neste caso, são atribuídas não só uma série de deveres e obrigações de um funcionário comum de uma empresa, mas também a responsabilidade com a verdade e com o interesse público. Entende-se neste caso o jornalista como um agente imbuído de uma função social e de um dever para com a sociedade (URE, 2008).

Para Ure (2008) e Pereira (2004), apesar de se tratar de uma visão romantizada da profissão, o jornalismo pode ser visto como um cargo guiado por responsabilidades sociais. Para outros autores como Ianoni (2005) e Albuquerque (2001), o papel social da imprensa vai além: atribuem também a ela uma carga ainda maior, classificando-a como “Quarto poder”, ou seja, a instituição que tem o papel de fiscalizadora de um sistema dividido entre três poderes: legislativo, executivo e judiciário. Entretanto, ainda neste viés, Albuquerque (2001) diferencia o caso brasileiro dos demais países, especialmente dos Estados Unidos, destacando o papel “moderador” se sobrepondo ao papel de “fiscalizador”.

Mais do que meramente contribuir para o equilíbrio entre os poderes constituídos, a imprensa brasileira tem reivindicado autoridade para, em casos de disputas entre eles, intervir em favor de um poder contra o outro, a fim de preservar a ordem pública (ALBUQUERQUE, 2001, p. 43).

Para caracterizar este aspecto do jornalismo carregado de deveres com a sociedade se faz necessário levar em consideração os conceitos de objetividade e compromisso com a verdade, para isso neste estudo serão utilizados os trabalhos produzidos por Gerald (1963) e Pereira (2004). Entende-se também que para cumprir esta função social o jornalismo teve de passar por alguns processos de renovação, dentre eles se destaca o surgimento e a utilização do chamado *new journalism*. A abordagem desta pesquisa se embasará principalmente na busca por personagens cotidianos e pela humanização das reportagens, atributos deste novo modo de fazer jornalismo. Apesar do enfoque se dar apenas nessas características, acredita-se ser

necessário uma breve conceituação desta perspectiva e do conceito de humanização. Para isso será levado em consideração as definições de Ijuim (2012).

A pergunta que guia este trabalho é se a função social do jornalismo ainda se faz presente e se ela vem sendo cumprida nas produções que fazem uso de personagens cotidianos e que buscam a humanização de suas histórias. É objetivo deste trabalho, portanto, analisar se estas características do novo jornalismo ainda são relevantes no contexto atual. Além disso, neste estudo pretende-se compreender se o público pode ser atraído pela humanização das reportagens e se o profissional jornalista ainda pode ser visto como servidor público.

O fio condutor deste trabalho será o blog *Isto não é um cachimbo - Perfis Literários*, do jornalista e pesquisador de literatura contemporânea brasileira Luiz Nadal. O projeto que se apresenta como um texto de estilo “particular” que perpassa pelos limites entre realidade e ficção, conta histórias e traça perfis de escritores brasileiros contemporâneos. Buscaremos compreender neste artigo como Nadal se apropria do modo de fazer o “novo jornalismo” e mescla as missões de seu ofício para construir um personagem ao contar, de modo “particular” a história de doze autores brasileiros.

Para compreender o porquê da escolha deste enfoque foi necessário a retomada de alguns conceitos. Neste sentido, seguiremos o seguinte caminho teórico: no primeiro ponto deste trabalho será definido o que se entende por função social do jornalismo, baseado sobretudo nos trabalhos de Ure (2008) e Pereira (2004). Esta discussão será ampliada também com a definição da imprensa enquanto Quarto Poder, em conformidade com Ianoni (2005) e Albuquerque (2001). Um segundo aspecto que será tratado é a discussão em torno do ideal da objetividade como prática do jornalismo, levando em conta os trabalhos de Gerald (1963), França (1998), Andrade (2002), Karam (2004) e Pereira (2004). A partir da crítica a esta suposta busca pela objetividade, chega-se à uma breve conceituação acerca de *new journalism*. É deste novo jornalismo que surge o estilo de texto que será abordado neste trabalho, isto é, aquele que prioriza personagens cotidianos e histórias humanizadas, para esta exposição serão usados os conceitos descritos por Ijuim (2012).

Em tempos de evolução tecnológica e de grande circulação de informações, revisitar modelos consolidados do fazer jornalístico se tornam cada vez mais essenciais para analisar produções atuais.

Se debruçar, portanto, sobre a recente produção de Luiz Nadal sobre aspectos clássicos do jornalismo literário faz com que a obra deste autor seja de fato vista como um bom exemplo material do novo jornalismo.

Este trabalho também se mostra relevante não apenas por trazer luz a uma obra ainda não consolidada no “cânone” do jornalismo literário, mas também por apresentar como este modo de fazer jornalismo ainda é relevante e pode ser produzido no mundo atual, ainda que estejamos submersos em uma tsunami de produtos midiáticos e informações.

Analisar o conjunto de perfis escritos e publicados por Luiz Nadal no blog *Isto não é um cachimbo - Perfis Literários* e buscar compreender como o autor se utiliza dos artifícios típicos do ‘novo jornalismo’ para construir personagens com características mais humanas e procura entender como esta construção contribui para que o jornalista cumpra a função social de seu ofício.

Os objetivos específicos são os seguintes:

Analisar os doze perfis escritos por Nadal e delimitar em quais deles o jornalista se inclui na história contada, utilizando-se da narração em primeira pessoa do singular para construir aspectos e características da sua personagem principal;

Dentro do universo em que o narrador é em primeira pessoa é utilizado, selecionar 3 perfis de *Isto não é um cachimbo - Perfis Literários* para analisar de modo mais detalhado;

Comparar esses textos entre si e buscar outras características em comum que possam ser compreendidas como o fio condutor do que o autor chama de ‘estilo particular’.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de chegar ao modelo que é praticado hoje o jornalismo inicia sua produção fundada em características atualmente condenáveis. A imprensa, de maneira geral, era partidária, panfletária e não noticiosa. Basicamente os periódicos precursores ao “jornalismo moderno” (FRANÇA, 1998, p. 26) eram um canal de propagação de ideologias políticas. Segundo França (1998), é apenas no século XIX que os moldes atuais da imprensa surgem. Neste período, na Europa e Estados Unidos, as publicações abrem espaço para uma fase caracterizada pelo autor como “comercial” e “regulada pelo mercado”.

Esta nova fase da imprensa é identificada não só pelo seu novo aspecto econômico e mercadológico, mas também por suas novas atribuições. Quatro características passam a ser observadas nas publicações jornalísticas modernas, de acordo com Ijuim (2012, p.119) são elas: “atualidade, periodicidade, universalidade e difusão”. Pena (2007, p.44) concorda com essa divisão, embora prefira o termo publicidade à difusão. A responsabilidade perante a sociedade também passou a ser vista como característica do modelo atual de jornalismo. Para cumprir com este papel, a busca por atender aos interesses da comunidade passa a ser ponto essencial no trabalho de comunicação. A informação para Ure (2008, p.116) se torna então uma das ferramentas de equilíbrio social, sem ela “a sociedade estaria um caos”, em função disso, o papel social exercido pelo jornalista está diretamente ligado ao nível de desenvolvimento de uma comunidade. “Quando a informação falta, a sociedade sofre um retrocesso em termos da ‘participação cidadã’ e, em conseqüência [*sic*], em termos de desenvolvimento” (URE, 2008, p. 116).

Aos poucos essa função social da mídia também passa a ser compreendida e apresentada como um “quarto poder” dentro de uma sociedade, ou seja, como o órgão moderador dos demais poderes – legislativo, executivo e judiciário. Tal força fiscalizadora e de equilíbrio democrático proposto por Albuquerque (2001) passa a ser uma ampliação da visão da função social da mídia, uma vez que, o jornalista toma para si a função de manter a ordem, reforçando assim seu compromisso social e com a verdade.

Aos poucos, porém, toda esta objetividade e função social do jornalismo torna-se cada vez menos atrativa para os leitores. Movimento já previsto por Gerald (1963) em seus estudos. Mesmo sendo um ferrenho defensor da objetividade e do ‘modo clássico’ do fazer jornalístico, o autor anteviu um movimento cada vez mais subjetivo e de ampliação das notícias. Isso é percebido em afirmação como a que segue: “E então, pouco a pouco, vagarosamente, algo de novo [sic] emergiu, uma nova forma de jornalismo [...]” (GERALD, 1963, p. 177).

O autor descreve assim a chegada de um novo modelo de produção de jornalística, no qual não cabia somente a descrição de um fato, eles precisavam também de inúmeras explicações. O chamado *new journalism* surge como uma alternativa natural a este embate entre objetivo *versus* subjetivo.

Este novo jornalismo traz consigo diversas características marcantes, entre elas a que mais se destaca é a construção de personagens tridimensionais, uma vez que, tomando como base as afirmações de Motta (2007), são eles que costumam “transformar-se no eixo das histórias” e, portanto, embasam as narrativas jornalísticas.

Construir estas personagens em produções jornalísticas se faz necessário não somente para atender às novas demandas de mercado da mídia, mas também por uma necessidade natural ao jornalismo, uma vez que, de acordo com Casadei (2010), a prática jornalística é feita de pessoas. “Sem testemunhas, não há jornalismo. [...] E isso também implica dizer, de uma forma geral, que sem a construção de personagens também não há jornalismo” (CASADEI, 2010, p. 79).

Tratar a pessoa mais que uma fonte, mas como personagem de uma história, sim, é uma das possibilidades de humanizar o relato jornalístico. [...] Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume a postura de curiosidade e descoberta, de humildade para sentir as dores do mundo (Dines), de empatia, de solidariedade às dores universais (Medina) (IJUIM, 2012, p. 133).

Guiar, portanto, as produções jornalísticas por um caminho livre de preconceitos, focado no personagem e em suas histórias faz com que o ato de fazer jornalismo seja algo além de contar notícias, pois a “narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador”

(IJUIM, 2012, p. 134). É dentro deste contexto e, pautado neste aspecto humanizador, que o blog *Isto não é um cachimbo - Perfis Literários* será analisado.

3 METODOLOGIA

A pesquisa analisará os textos de *Isto não é um cachimbo - Perfis Literários* de maneira qualitativa. O conjunto de doze perfis escritos pelo jornalista Luiz Nadal será analisado primeiramente do ponto de vista do narrador, em que serão identificados aqueles em que o jornalista se coloca em primeira pessoa na história contada. Tal busca visa destacar características marcantes do processo de construção de um personagem dentro do chamado *new journalism*. Quantificado estes textos dentro do conjunto total, passaremos a analisar de que forma estes perfis materializam outras das principais características do novo jornalismo, para isso, faremos uma interpretação qualitativa do que está sendo escrito, em busca de características que possam ser afirmadas como comuns em todos os perfis. Desta análise poderemos chegar a conclusões acerca do que o autor chama de “estilo particular” do seu blog e também verificar os aspectos que auxiliam Nadal na trajetória de cumprimento da função social do jornalismo.

A metodologia proposta, portanto, será feita com base na leitura, análise e comparação de parte selecionada do conjunto de textos publicados no blog.

4 ANÁLISE QUANTITATIVA

O conjunto de perfis que formam o blog *Isto não é um cachimbo - Perfis Literários*, de Luiz Nadal, é formado por doze textos. Respeitando a ordem cronológica em que foram publicados, são eles:

1. – Ricardo, precisamos tomar outro café, Ricardo
2. – Já posso te chamar de estranha, Veronica?
3. – Cadê o baralho que tava aqui, Andréa?
4. – Mutarelli, qual será a história do próximo livro, Mutarelli?
5. – Juro que não conto pra ninguém, Marcia, juro!
6. – Marcelino, me dá um grave, Marcelino?
7. – Elementar, cara Carola, elementar
8. – Você não conhece o André Sant’Anna? Então venha conhecer!
9. – Como assim não é você, Tatiana?
- 10.– João, encontrei outra saída, João! –
- 11.– Adriana, como faço pra descer daqui, Adriana? –
- 12.– Bernardo, muito prazer, eu me chamo Bernardo –

Como é possível observar, os títulos dos perfis escritos e publicados por Nadal seguem um padrão, com pequenas variações. Este é o primeiro indício do “estilo particular” do seu blog, que será objeto de análise mais aprofundada na seção seguinte deste trabalho. Por ora, vale ressaltar a presença do sinal gráfico do travessão em todas as doze publicações, bem como a citação do nome, parcial ou integralmente, de cada um dos perfilados em todas as publicações.

Como proposto previamente, esta breve seção irá se limitar apenas a fazer uma breve análise quantitativa da obra de Nadal, buscando os primeiros indícios de similaridades que possam fornecer elementos em comum que irão desencadear uma análise qualitativa mais aprofundada na próxima etapa deste trabalho. Para isso, portanto, será importante se ater aos números, ainda que brevemente.

O primeiro e, para este trabalho talvez o mais relevante, é o volume de publicações em que o jornalista se inclui como uma dos personagens dentro da história narrada por ele. Dos doze perfis elaborados por Nadal dentro do blog *Isto não é um cachimbo - Perfis Literários*, nove incluem o autor como personagem das ações descritas no texto. Nestes textos, ele participa, não apenas narrando, mas interfere, modifica os acontecimentos ali descritos. Apenas em três perfis os relatos não sugerem a participação do autor diretamente na história, que se desenrola de maneira mais descritiva, com o autor 'distante' dos acontecimentos.

Como dito, para nos aprofundarmos na próxima seção acerca das características do *new journalism* contidas nos escritos de Nadal e nos aventurarmos em breves conclusões acerca do seu "estilo particular", teremos como foco apenas os textos em que ele se inclui como personagem. Deste pequeno universo de nove publicações, portanto, selecionaremos três para nos dedicarmos na busca por características em comum e que comprovem a filiação de Nadal a esta 'nova escola' de fazer jornalismo. Fazer parte deste conjunto, portanto, foi em suma o único critério adotado para que um texto possa ser selecionado para a próxima seção, tornando assim o caminho restante da escolha puramente baseado em preferências pessoais e subjetivas do autor deste trabalho.

Dito isso, os perfis selecionados para a análise na próxima seção são: "– Ricardo, precisamos tomar outro café, Ricardo", "– Juro que não conto pra ninguém, Marcia, juro!" e "– João, encontrei outra saída, João! –".

5 ANÁLISE QUALITATIVA

Conforme revelado na seção anterior, esta etapa do trabalho irá fazer uma breve análise qualitativa dos perfis “– Ricardo, precisamos tomar outro café, Ricardo”, “– Juro que não conto pra ninguém, Marcia, juro!” e “– João, encontrei outra saída, João! –”, publicados no blog *Isto não é um cachimbo - Perfis Literários*, de Luiz Nadal.

Antes de entrarmos de fato na análise que se pretende nesta seção, se faz importante algumas observações particulares acerca de cada um dos textos:

O primeiro texto, com título de “– Ricardo, precisamos tomar outro café, Ricardo” apresenta o perfil de Ricardo Lísias, escritor brasileiro nascido em São Paulo, autor de sete romances até 2012, ano em que o texto de Nadal foi publicado. Na ocasião em que o perfil foi escrito, Lísias lançava seu livro *O céu dos suicidas* (Alfaguara), escolhido como melhor romance daquele ano pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. Lísias também já havia sido finalista do Prêmio Jabuti em 2008 e do Prêmio São Paulo de Literatura em 2010.

O perfil escrito por Nadal não cita, porém, todas as conquistas literárias de Lísias e nos entrega um perfil descrito por alguém, de certo modo, distante do autor a partir de dois encontros, um extremamente breve durante a noite de autógrafos do premiado livro e outro em uma entrevista em um café.

Essa percepção de distanciamento nos é dada logo no início, quando Nadal se inclui como personagem ativo da história. O primeiro encontro é descrito em detalhes, quando Nadal vai até a Livraria da Vila para receber o autógrafo em cinco livros escritos por Ricardo. Ao descrever a cena, ele diz ter ficado isolado, distante dos demais convidados, apenas observando e aguardando o momento de, brevemente, se encontrar com o autor para a assinatura das obras. A cena é descrita de maneira perturbadora, passando pelo estranhamento causado nos presentes pelo prolongamento e desregulamento do narrador ao falar com Lísias. O episódio narrado inclui até a intervenção de um segurança para averiguar se estava tudo no seu devido lugar.

Curiosamente, porém, ao final deste primeiro encontro, Lísias e Nadal marcam uma entrevista, para que o jornalista se aprofunde na escrita do perfil. O encontro ocorre em um café e mantém o clima de distanciamento entre os dois personagens. É a partir desta entrevista, usada ao longo do texto como diálogo entre as descrições, que passamos a conhecer um pouco mais do estilo da obra, carreira do autor e passagens da vida pessoal de Lísias. Ao fim, é possível ter uma imagem satisfatória de quem é Ricardo e da maneira como é comprometido e metódico com o seu trabalho.

O texto é dividido em blocos e não parágrafos. Cada bloco de texto, que possui tamanho irregular, é precedido de uma 'fala' do jornalista, indicada, como é comum na literatura, por travessão. As marcas de oralidade estão presentes em todos os momentos em que as vozes dos personagens aparecem, sejam essas vezes por meio de travessões ou pelo uso das aspas. Repetições que não apareceriam habitualmente em um texto jornalístico são comuns neste texto de Nadal. Estes elementos, tão comuns nas narrativas de ficção, mas pouco habituais em produções jornalísticas, nos dão suporte para caracterizar tal publicação como parte integrante do novo jornalismo brasileiro, previamente descrito na seção de fundamentação teórica deste trabalho.

Outra destas características aqui observadas é justamente a participação ativa de Nadal na história. Narrado em primeira pessoa, algo também incomum no jornalismo habitual, o perfil escrito por Nadal só se faz possível pela intensa participação e interferência do narrador na obra, que provoca a todo momento os acontecimentos ali descritos. A voz ativa do jornalista dentro de um texto também é uma das características mais comuns do *new journalism*.

A união destas duas características faz com que, a olhos mais desatentos, o perfil escrito por Nadal soe como ficção. É preciso aqui, portanto, conhecer a proposta do autor de traçar perfis reais, como é objeto primeiro do jornalismo. Essa proposta pode ser lida na aba 'O projeto' do blog, onde Nadal confirma este limiar entre reportagem e ficção que se propõe a fazer.

No segundo texto analisado nesta seção, “– Juro que não conto pra ninguém, Marcia, juro!”, nos é apresentado o perfil de Marcia Tiburi, conhecida filósofa, artista plástica, escritora e política brasileira. É justamente a fama que precede Marcia que abre o texto, para espanto do leitor, com um diálogo em primeira pessoa entre Nadal e o seu psicólogo. Incrédulo, o narrador relata ao analista que entrevistou Marcia e, a partir deste diálogo, traça o perfil da sua entrevistada e descreve todo o seu encontro com a intelectual nos mínimos detalhes, mesclando passagens da entrevista com trechos conhecidos da carreira da perfilada.

Nesta publicação, também narrada em primeira pessoa, o perfil também só se faz possível com a inserção do narrador como personagem do episódio contado. Novamente explorando o limiar entre a ficção e a reportagem, Nadal abusa da liberdade literária, permitida no *new journalism*, para a invenção de um encontro com o psicólogo no texto, já que a entrevista com Marcia seria algo ‘inacreditável’, conforme descrito pelo próprio autor.

A conversa de Nadal com o psicólogo passa por todas as publicações e prêmios de Marcia Tiburi, que inclui uma final do Prêmio Jabuti em 2006, logo na sua primeira obra de ficção. As ‘credenciais’ da intelectual são descritas nos mínimos detalhes não apenas para de fato perfilar a entrevistada como se propõe o texto, mas também para justificar o espanto de Nadal ao descrever o ‘inacreditável encontro’. Ao longo da publicação, Nadal descreve a conversa e conta de forma descontraída, como um relato de uma consulta com um analista, como tentou ‘arrancar um segredo’, sem sucesso, da filósofa. A linha entre ficção e reportagem pela qual Nadal caminha ‘espantado’ a todo momento faz com que, não apenas o leitor conheça um pouco mais das características de Marcia Tiburi, mas também possa compreender como a intelectual se tornou personalidade tão relevante no cenário brasileiro.

Assim como no primeiro caso, os textos são divididos em blocos e não parágrafos. Cada bloco também é introduzido, seguindo o modelo de narrativa proposto pelo autor, com uma frase sua precedida por um travessão. As marcas de oralidade também estão presentes em diversas passagens, incluindo repetições de palavras, algo ‘abominável’ no jornalismo tradicional.

Na última publicação a ser comentada nesta seção, “– João, encontrei outra saída, João! –”, o personagem real descrito por Nadal é o escritor e publicitário João Anzanello Carrascoza. No momento da publicação de Nadal, João já havia recebido o Prêmio Jabuti por seu livro *O volume do silêncio* de 2007. Ele voltou a receber a premiação outras duas vezes, além de outras condecorações da crítica brasileira.

Com um diálogo descrito a partir de um bilhete encaminhado por Nadal a João e interceptado por um terceiro, o jornalista descreve a personalidade do escritor remontando um passado remoto, bem antes do nascimento do seu perfilado. Neto de imigrantes italianos, Nadal refaz os caminhos do avô do personagem para só então descrever as suas características de agitação e trejeitos de fala, típicos de italianos. A infância de João, ouvindo novelas de rádio e depois vendo as narrativas na TV justificam, na narração de Nadal, a escolha do escritor pelo texto publicitário, para o qual João vai se dedicar durante toda sua carreira.

O perfil, neste caso, tem características típicas de uma carta informal, daquelas que se envia para amigos próximos, sem muitas preocupações com características pré-estabelecidas deste tipo de publicação. Novamente, assim como nos textos anteriormente analisados nesta seção, é na desconstrução do modelo tradicional de escrita jornalística que Nadal se filia a escola do *new journalism*. A narrativa a partir de um simples bilhete, descrevendo no decorrer do texto os acontecimentos que resumem a vida do perfilado colocam o texto de Nadal no limiar entre a ficção e a reportagem, como proposto pelo próprio autor, em um movimento típico deste modo de fazer jornalismo.

Este terceiro texto analisado também é dividido em blocos introduzidos por declarações de Nadal em travessões. Novamente, as marcas de oralidade e diálogos, bem como as repetições, estão presentes na publicação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na breve análise realizada é possível observar algumas das características que permitem afirmar que os perfis construídos por Luiz Nadal no blog *Isto não é um cachimbo - Perfis Literários* fazem parte do rol de publicações do novo jornalismo brasileiro, sendo o “estilo particular” dos textos alertado pelo autor logo no início da sua página a maneira como o jornalista subverte os formatos tradicionais do jornalismo, mesclando-os com a ficção, para entregar ao leitor um produto final capaz de não apenas relatar um fato ou construir uma imagem distante de um perfilado, mas sim a de humanizar o seu entrevistado, cumprindo uma das características principal do fazer jornalismo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso de. Um outro "Quarto Poder": imprensa e compromisso político no Brasil. **Revista Contracampo**, n. 04, 2000. Disponível em <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/414/201>>. Acesso em 20 jul. 2021.

ALBUQUERQUE, Afonso de. A narrativa jornalística para além dos faits-divers. **Revista Lumina Facom/UFRJ**, v. 3, n. 2, p. 69-91, 2000. Disponível em <<http://www.uff.br/facom/files/2013/03/R5-Afonso-HP.pdf>>. Acesso em 3 jun. 2021.

ANDRADE, Regina Glória Nunes. Neutralidade, mídia e opinião pública. In: HOHLFELDT, Antonio; BARBOSA, Marialva [ORG]. **Jornalismo no século XXI: a cidadania**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CASADEI, Eliza Bachega. A Construção de Personagens no Jornalismo: entre a matriz de verdade presumida e a imaginação das urdiduras de enredos. **Ciberlegenda**, n. 22, 2010. Disponível em <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/viewArticle/38>>. Acesso em 20 jul. 2021.

COUTINHO, Iluska. O conceito de verdade e sua utilização no Jornalismo. **Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo**, ano 1, v. 1, 2004. Disponível <<http://www2.metodista.br/unesco/gcsb/conceito.pdf>>. Acesso em 9 nov. 2021.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

GERALD, J Goward; Conceição Jardim. **A responsabilidade social da imprensa**. [S.l.]: O Cruzeiro, 1963.

HALLIN, Daniel. Comercialidad y profesionalismo en los medios periodísticos estadounidenses. **Cuadernos de Información y Comunicación**. N. 3, 1996. Disponível em <<http://www.ucm.es/info/per3/cic/cic3ar13.htm>>. Acesso em 16 dez. 2021.

IANONI, Marcus. Sobre o quarto e o quinto poderes. **Revista Comunicare**, v. 3, n. 2, 2005. Disponível em <<http://franciscoqueiroz.com.br/portal/phocadownload/CIENCIAPOLITICA/quarto%20e%20quinto.pdf>>. Acesso em 3 de jun. 2021.

IJUIM, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Mundo digital**, Santa Catarina, v. 7, n. 2, p. 117-137. 2012. Disponível em <<http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/viewFile/196/132>>. Acesso em 19 nov. 2021.

KARAM, Francisco José. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2. ed. São Paulo: Geração, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Revista Contracampo**, n. 12, p. 23-50, 2005. Disponível em <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/557>>. Acesso em 17 jul. 2021.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. 2007. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>>. Acesso em 3 jun. 2021.

NADAL, Luiz. **Isto não é um cachimbo - Perfis Literários**. São Paulo. Disponível em <<https://cachimbodebolso.wordpress.com/>>. Acesso em 20 jan. 2022.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Revista Contracampo**, v. 2, n. 17, p. 43-58, 2007. Disponível em <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/349>>. Acesso em 20 jan. 2022.

PEREIRA, Fábio Henrique. Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2004. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.html>>. Acesso em 20 jul. 2021.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. **Revista Contracampo**, n. 12, p. 85-102, 2005. Disponível em <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/560>>. Acesso em 20 jan. 2022.

URE, Mariano. A função pública do jornalista: da imparcialidade à coesão social. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, n. 2, p. 113-128. 2008. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n2p113/10190>>. Acesso em 17 jul. 2021.